



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E À DISTÂNCIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROBERVAN SOARES DE MENDONÇA

O *BADMINTON* COMO ALTERNATIVA ESPORTIVA PARA QUALIDADE DE VIDA

**MONTEIRO
2019**

ROBERVAN SOARES DE MENDONÇA

O *BADMINTON* COMO ALTERNATIVA ESPORTIVA PARA QUALIDADE DE VIDA

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Josenaldo Lopes Dias

**MONTEIRO
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M539b Mendonça, Robervan Soares de.

O Badminton como alternativa esportiva para qualidade de vida [manuscrito] / Robervan Soares de Mendonca. - 2019.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Monteiro, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Josealdo Lopes Dias, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Badminton. 2. Benefícios. 3. Atividade Física. I. Título

21. ed. CDD 796.345

ROBERVAN SOARES DE MENDONÇA

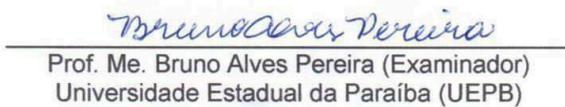
O BADMINTON COMO ALTERNATIVA ESPORTIVA PARA QUALIDADE DE VIDA

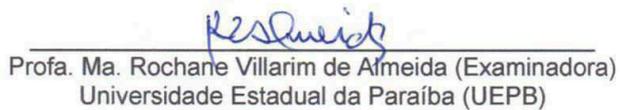
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 19/10/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Josenaldo Lopes Dias (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Bruno Alves Pereira (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Rochane Villarim de Almeida (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Este Trabalho é dedicado aos meus familiares, em especial a minha esposa Genice, que em todos os momentos esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial em minha vida, quero registrar alguns agradecimentos para que fique gravado em minha história. Primeiro, agradeço a Deus pela plenitude da vida, pois se assim não o fosse, não estaria aqui me debruçando neste trabalho, sendo um ser racional e único no Universo. Em segundo, agradeço ao meu amor Genice Pires da Silva, que sempre foi um porto seguro em minha trajetória acadêmica e profissional, onde nos momentos mais revoltos e de inquietude a mesma apaziguava meu coração com sábias palavras, a você “Genice”, minha gratidão. Terceiro aos meus filho(a)s Clara Mariany e Pietro Enzo bênçãos do Senhor. Por último aos meus genitores, Maria do Socorro Soares de Souza e Nazário Domingos de Souza, que com muita humildade e dignidade me educaram para a vida. Obrigado a todos.

É fundamental diminuir a distância entre o que diz e o que faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar os benefícios propiciados pelo esporte “*Badminton*” e elucidar seus efeitos profícuos para a vida em sua plenitude. No Brasil, o esporte mais praticado ainda é o futebol a despeito de visíveis influências do mercado esportivo. Quando se fala em esporte pelo panorama midiático, são observados desarmonias no sentido genuíno da palavra esporte, uma vez que bem-estar físico, cognitivo e afetivo, não são logrados por meios financeiros como mostra as mídias, mas sim, por benefícios adquiridos por toda e qualquer atividade física, através da liberação de substância prazerosa (endorfina). Os autores Gonçalves (2012), Alvarez e Stucchi (2008), discorrem sobre os inúmeros benefícios que o esporte Badminton traz nas diversas fases da vida, sendo destacado por ser um esporte intuitivo, de baixo impacto pedagógico e inclusivo.

Palavra Chave: Badminton. Benefícios. Atividade física.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the benefits provided by the sport called "Badminton" and elucidate its proficous effects to life in its fullness. In Brazil, the most practiced sport is still soccer due to visible influences from the sports market. When speaking about sports in the media overview, a disharmony in the genuine sense of the word "sport" is observed, since physical, cognitive and affective well-being are not achieved by financial means as shown by the media, but by benefits acquired by any and all physical activity, through release of pleasurable substances (endorphin). The authors Gonçalves (2012), Alvarez and Stucchi (2008), discuss the numerous benefits that Badminton brings in the various phases of life, being highlighted as an intuitive, with low pedagogical impact and inclusive sport.

Keywords: Badminton. Benefits. Physical activity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 BENEFÍCIOS DO BADMINTON	12
1.1 Inclusão	13
1.2 Esporte	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3 A MODALIDADE	21
3.1 Características	21
3.2 As Regras	21
3.3 A Rede	27
3.4 A Peteca	28
3.5 A Raquete	29
4 FUNDAMENTOS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

É sabido que há décadas, o futebol encontra-se entre as modalidades esportivas mais badaladas e praticadas no mundo. No Brasil, segundo estudo do Ministério dos Esportes (2013) 54,00% da população entre quinze (15) e dezenove (19) anos praticam futebol, enquanto 46,00% nessa mesma faixa etária dividem-se entre as demais práticas existentes. Diante dessas informações, são perceptíveis as fortes influências das mídias (marketings dos jogadores, patrocinadores, televisão), ou seja, um mercado financeiro milionário que visa negócios e lucratividade. Assunto esse propício para uma nova abordagem.

Pensando em minimizar essa discrepância, faz-se necessário planejar novas estratégias, incluindo modalidades esportivas integrativas, cooperativas, dinâmicas e através destas proporcionar oportunidade para todas as pessoas, sem distinção de classe, gênero ou idade. Bassani; Torri; Vaz (2003) evidenciam que, os benefícios do esporte têm ultrapassado os limites do bem-estar físico, e tornar-se visível também a nível educacional e formativo para crianças, adolescentes e jovens.

Assim sendo, mencionaremos o *Badminton* que por si, tem fundamentação para tal, a saber, saúde, lazer e inclusão, requisitos esses, que devem ser objetos norteadores na inserção de qualquer projeto desportivo. Tubino (2001) enfatiza com veemência, que o esporte é uma grande ferramenta na humanização e deve ser inserido na integração dos instrumentos educacionais colocados à disposição da sociedade.

Partindo dessa premissa, discorreremos sobre a relevância da inserção de novas alternativas, preconizando outros segmentos esportivos, e através destes, incentivar o exercício sistemático para indivíduos que desejam ser mais ativos e saudáveis. Teixeira (1999) comenta que o objetivo do esporte é a promoção da saúde, sociabilização, construção de valores morais e éticos, recreação e lazer. Valores esses que podem ser considerados pilares de sustentação para uma sociedade sadia.

Essa breve reflexão tem como objetivo nos levar a compreender que a maior herança obtida pela atividade física, não é buscar único e exclusivamente formar atletas e/ou praticantes, e sim seus benefícios para as diversas fases da vida, e incentivar a cultura do esporte, considerando o leque de modalidades ainda pouco exploradas no território brasileiro.

1 BENEFÍCIOS DO BADMINTON

Em se tratando de benefícios fisiológicos a ciência comprova dia após dia, que a atividade física é a grande mentora para uma vida longa e saudável. Assim o “*Badminton*” está entre as modalidades esportivas que mais traz benefícios, seja para vida adulta ou infância.

Segundo Gonçalves et al o badminton auxilia no desenvolvimento do raciocínio, pois através dele o praticante tem que criar estratégias de jogo para se sobressair ao seu adversário, melhora o rendimento esportivo, desenvolve as habilidades psicomotoras essenciais para sua vida e que favorecem seu aprendizado, como a coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal, dentre outras capacidades. Permite ao sujeito o desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, fazendo do corpo um instrumento de percepção da realidade externa e interna perante a realização de seus movimentos.

Das inúmeras vantagens que o *Badminton* oferece, mencionamos a segurança por ser um esporte de baixo impacto e sem contato físico.

Alvarez e Stucchi (2008) afirmam que o badminton colabora para a melhora do desenvolvimento e domínio motor, pois trabalha muito a locomoção do praticante juntamente com a manipulação de objetos, no caso a raquete, fazendo com que o aprendiz tenha que conhecer os diversos movimentos e pegadas que podem ser realizadas com a mesma, elevando assim, a percepção, compreensão e domínio dos movimentos do corpo.

Além dos benefícios cognitivos e motor que o *Badminton* proporciona aos praticantes, não poderíamos deixar de mencionar a importância do mesmo para estratégia de integração escolar e/ou comunitário, objetivando cumprir o que pregoa a Constituição Federal de 1988, no que se refere à inclusão.

1.1 Inclusão

A educação especial começou ser pensado por volta do século XVI, período esse que a educação formal era direito da minoria os “normais fisicamente”. Nesse período, as pessoas que apresentasse qualquer deficiência física e/ou cognitiva, eram vistas como “anormais” para a sociedade, assim sendo, ficavam privadas de direitos que ainda não os assistiam. Nesse intervalo, os médicos e pedagogos compraram literalmente uma briga com os conceitos até então utilizados, haja vista, que a vigência da época descartava ensino para pessoas inaptas para a aprendizagem educacional, os “deficientes”. A Revista Brasileira de Educação (2006, p.387) afirma que, centrados no aspecto pedagógico, numa sociedade em que a educação formal era direito de poucos, esses precursores desenvolveram seus trabalhos em bases tutoriais, sendo eles próprios os professores de seus pupilos.

Diante de um cenário com poucas experiências renovadoras na educação especial, as institucionalizações em asilos e manicômios, seria a melhor opção para tratamentos daqueles que possuíam algum tipo de anomalia. A Revista Brasileira de Educação (2006, p.387). Afirma que:

Entretanto, apesar de algumas escassas experiências inovadoras desde o século XVI, o cuidado foi meramente custodial, e a institucionalização em asilos e manicômios foi a principal resposta social para tratamento dos considerados desviantes. Foi uma fase de segregação, justificada pela crença de que a pessoa diferente seria mais bem cuidada e protegida se confinada em ambiente separado, também para proteger a sociedade dos-anormais.

Anos mais tarde, já no século XIX, a escola tradicional apresentou ineficiência para gerir conhecimento para todos os públicos discentes, e foi a partir daí que surgiu a necessidade de criar salas para receber alunos com dificuldades educacionais mais acentuadas.

Paralelamente à evolução asilar, a institucionalização da escolaridade obrigatória e a incapacidade da escola de responder pela aprendizagem de todos os alunos deram origem, já no século XIX, às classes especiais nas escolas regulares, para onde os alunos difíceis passaram a ser encaminhados. Revista Brasileira de Educação (2006, p.387).

No contexto Inclusão, são perceptíveis as dificuldades enfrentadas (cultural, científico) para que a educação especial sobrevivesse a tempos tão sombrios e preconceituosos educacionalmente falando. Por essa ótica, pode-se afirmar que o grande divisor de águas se deu no início no século XVI com os pedagogos e médicos, e só apresentaram resultados anos mais tarde, após dois confrontos mundiais, e muito derramamento de sangue. Conforme afirma a Revista Brasileira de Educação (2006, p.387).

Assim, o acesso à educação para portadores de deficiências vai sendo muito lentamente conquistado, na medida em que se ampliaram as oportunidades educacionais para a população em geral. Entretanto, tanto as classes quanto as escolas especiais somente iriam proliferar como modalidade alternativa às instituições residenciais depois das duas guerras mundiais.

Vale ressaltar que apesar da grande necessidade que se tinha no que diz respeito ao acolhimento humanitário para pessoas com deficiência, só vieram à tona após o século XX, em decorrência dos incapacitados das guerras.

Na metade do século XX, aparece uma resposta mais ampla da sociedade para os problemas da educação das crianças e jovens com deficiências, em decorrência também da montagem da indústria da reabilitação para tratar dos mutilados da guerra. Revista Brasileira de Educação (2006, p.387).

Ainda com uma proposta educacional em fase de ascensão, o número de vagas era limitado e apenas para alunos impedidos anteriormente de estudar nas escolas regulares.

Até a década de 1970, as provisões educacionais eram voltadas para crianças e jovens que sempre haviam sido impedidos de acessar a escola comum, ou para aqueles que até conseguiam ingressar, mas que passaram a ser encaminhados para classes especiais por não avançarem no processo educacional.

Mediante as inúmeras dificuldades educacionais até aqui mencionada, o século XX revela-se como um período de transição comportamental, políticas e pedagógicas no que se refere à inclusão de pessoas com deficiência. O dissabor dos que viveram naquele período, serviria como base, reflexões e descobertas posteriores no quesito educação inclusiva.

1.2 Esporte

Após a segunda guerra mundial, o esporte foi um grande aliado na busca de reinserir deficientes por trauma de guerra na vida social. Nesse período, muitos combatentes retornavam da missão com sérias lesões físicas (audição, visão, amputação) e psicológicas. Diante deste cenário, buscou-se no desporto, meios para reintegrar essas pessoas à sociedade de forma global, tendo em vista os efeitos benéficos do esporte nas terapias e reabilitação dos deficientes. Para Araújo (1997) Através do esporte reabilitação estava devolvendo à comunidade um deficiente, capaz de ser eficiente pelo menos no esporte.

Perante essa introdução, percebe-se, o desporto como uma das mais importantes ferramentas de integração e qualidade de vida, mesmo em momentos melancólicos e de profundo estresse como o pós-guerra.

A Educação Física no Brasil teve seu primeiro contato com a educação inclusiva por volta do ano de 1950. Após dois Brasileiros (Robson S. Almeida e Sérgio S. Del Grande) ficarem deficientes físicos em decorrência de acidente distintos. Robson e Sérgio foram aos Estados Unidos em busca de serviços de reabilitação, e lá vislumbram o esporte para atletas cadeirantes. Ao retornarem ao Brasil, ajudaram a fundar o Clube dos Paraplégicos em São Paulo e o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro.

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção (COSTA; SOUZA, 2004, p.17).

Em 1969 o Brasil participou do II Jogos Pan-americanos em Buenos Aires. Essa participação objetivou-se para troca de experiência e integração entre os atletas do continente Sul Americano. Anos depois a seleção Brasileira iniciaria sua participação nos jogos oficiais paraolímpicos.

O Basquete com Cadeira de Rodas - BCR representou o Brasil pela primeira vez em uma Paraolimpíada, em 1972, na cidade de Heidelberg, Alemanha Ocidental. A partir daí as

participações brasileiras tornaram-se efetivas (TOQUE A TOQUE, 1988, apud FREITAS, 1997).

Após a década de setenta a Educação Física adentrou em uma nova fase, o desporto havia alcançado novos patamares, surgia uma nova campanha organizada pelo Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura (DED/MEC) em parceria com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) com intuito de incentivar a prática de atividade física paratodos.

Surge no início dos anos de 1970 um movimento na área da educação física denominado “Esporte para Todos”. A atividade física e desportiva para a pessoa com deficiência cresceu muito desde os anos de 1980, e o Brasil tem sido representado nas grandes competições. Araújo (1997).

Dentro do contexto humanitário e educacional, a história demonstra, que houve notável ascensão para população com deficiência, há de considerar que nos séculos pretéritos, os moldes pedagógicos não continham política de reintegração/inclusão para pessoas com necessidades especiais. Em se tratando de esporte adaptado, o paradesporto foi ganhando notoriedade a passos lentos e após morosas descobertas científicas relacionada ao bem-estar e qualidade de vida que o esporte proporciona.

A partir do século XX, surge um novo prisma no contexto esporte adaptado, as políticas de reintegração de pessoas deficientes começam a ser difundida com mais veemência. O Paradesporto, a Campanha Nacional do Governo – Esporte para Todos traria mudanças e aprimoramentos nas leis futuras, conforme elucida a Constituição Brasileira.

A Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9.394/96 (Brasil, 1996) – estabelecem que a educação é direito de todos e que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter atendimento educacional-preferencialmente na rede regular de ensino, garantindo atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência

Nesse clima de mudanças comportamental e aprimoramento, as leis de inclusão social foram tomando proporções extremamente significativas no cenário nacional e internacional. Segundo SÁNCHEZ (2005) O movimento pela inclusão vem tomando força nas últimas décadas, não só no Brasil, mas também no contexto mundial.

Ainda discorrendo sobre o tema inclusão, não poderíamos deixar de mencionar a Declaração da Conferência de Salamanca (1994), no ensejo seria

abordado às políticas de educação inclusiva numa esfera mais integrativa e global. Os representantes mundiais na oportunidade demonstravam anseio pela ampliação do programa de inclusão, e através da mesma, culminaria no documento das Nações Unidas, ou seja, as “Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para pessoas com Deficiências”, que servirá posteriormente de norte nas implementações das leis em seus respectivos países.

A reunião foi aberta com a leitura do documento elaborado pelos delegados da Conferência Mundial de Educação, no documento os mesmos ratificam seus ideais para uma melhor estruturação educacional.

Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados (UNESCO, 1994).

Esse evento em Salamanca, ficou conhecido como uma das mais importantes reuniões já realizada no cenário internacional com o tema voltado para inclusão social. Na ocasião seria ampliado o conceito dificuldades educacionais, ou seja, o que antes era para deficiente físico/mental, agora ampliaria para os alunos com déficits temporários.

A Declaração de Salamanca ampliou o conceito de necessidades educacionais especiais, incluindo todas as crianças que não estejam conseguindo se beneficiar com a escola, seja por que motivo for. Assim, a idéia de necessidades educacionais especiais passou a incluir, além das crianças portadoras de deficiências, aquelas que estejam experimentando dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estejam repetindo continuamente os anos escolares, as que sejam forçadas a trabalhar, as que vivem nas ruas, as que moram distantes de quaisquer escolas, as que vivem em condições de extrema pobreza ou que sejam desnutridas, as que sejam vítimas de guerra ou conflitos armados, as que sofrem de abusos contínuos físicos, emocionais e sexuais, ou as que simplesmente estão fora da escola, por qualquer motivo que seja. MENEZES(2001)

Após o encontro dos países em Salamanca, deu-se início a várias medidas importante dentro do âmbito da inclusão social. No Brasil, o reflexo do encontro serviu como ponto de partida para implantação e aprimoramento das leis de educação inclusiva, incentivando (fiscalmente, pedagogicamente) tanto na esfera Públicas quanto no setor Privado. Como mostra as leis:

A Lei de Incentivo Fiscal ao Esporte - A Lei nº 11.438/06 estimula o desenvolvimento do esporte nacional, através do patrocínio/doação para projetos desportivos e paradesportivos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — Lei n. 9.394/96;

A Resolução CNE/CEB n. 2/01, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica;

O Decreto n. 6.094/07, que dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação;

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em 2008;

O Decreto n. 7.611/11, que dispõe sobre a Educação Especial e o Atendimento Educacional Especializado (AEE)

Pensando no aspecto de leis de inclusão, denota-se significativos avanços dos séculos XVI para os tempos atuais. A história revela tempos difíceis pelo os quais os -deficientes‖ transcorreram, essa fase de hostilidade e preconceito aponta uma relação direta com a incapacidade do Estado, tímidas descobertas Científicas e ausências de Leis Educacionais Inclusiva. Nesse cenário, percebe-se, que a inexistência de preceitos e planos educacionais estratégico, tornavam indivíduos aptos cognitivamente, em deficitários ineducáveis.

Em meio ao século XX, com as Leis do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994), iniciava-se um novo ciclo e perspectivas para a educação inclusiva. Essas influências trariam mudanças definitivas na política educacional brasileira, iniciando pelo Plano Nacional de Educação, onde a proposta seria levar a educação inclusiva para todas as cidades do Brasil, e através desta, os municípios criarem seus próprios planos municipais, inclusive com metas e estratégias a serem alcançadas.

Diante do exposto, é possível perceber que a educação inclusiva percorreu um processo longo e árduo para chegar no estágio que se encontra. Há muita coisa a ser feita política e educacionalmente, porém, tal mudança faz-se necessário começar em cada indivíduo e de dentro para fora. Paulo Freire comenta que a Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo”. Neste prisma, pode-se afirmar que a inclusão deixou de ser a utopia do século XVI e se tornou realidade nos dias atuais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Todos sabem dos grandiosos efeitos benéficos que se obtêm através das atividades esportivas em qualquer fase da vida. Enfatizando essa ótica de bem-estar, fica evidente a predominância esportiva em todas as regiões do Brasil, onde é utilizado um esporte legítimo com a motivação equivocada.

Assim, surge a necessidade de abordar novas tendências desportivas, saindo da mesmice imposta pelo sistema (TV aberta) Brasileiro e alavancar outras ricas modalidades a exemplo do “*Badminton*”. Essa revisão bibliográfica, nos faz refletir sobre os males causados por a falta de opções esportivas que concomitantemente proporcionam o aumento do sedentarismo e outros malefícios relacionados a ociosidade e a ausência de atividades físicas e/ou opção esportiva. Nesse quesito há evidências suficiente para afirmar que o estilo de vida pouco ativa é um grande fator de risco, seja para enfermidade coronais e/ou acidentes vascular, uma das principais causas de morte em todo o mundo. Segundo HASKELL (1998), 54% dos fatores de risco de morte por problemas cardíacos estão relacionados ao estilo de vida, isso é, alimentação, atividades físicas, pressão arterial entre outras. Ainda sobre saúde e bem-estar, as crianças também estão inseridas em um cenário preocupante. Conforme cometa Oliveira (2004,p.107)

A obesidade na infância e adolescência é um importante fator de risco para o desenvolvimento das doenças cardiovasculares na vida futura. Desta maneira, torna-se necessária à implementação de medidas intervencionistas e de prevenção no combate a este distúrbio nutricional em indivíduos mais jovens, como o aumento da atividade física, a implantação de programas de exercício físico e o incentivo à aquisição de hábitos alimentares saudáveis.

Para atenuar esses números, são necessárias estratégias com práticas esportivas empolgantes, de fácil aceitação e de custo-benefício acessível a todos conforme demonstraremos através de um breve histórico desse esporte o “*Badminton*”.

Há mais de 2.000 anos, no berço da civilização grega se tinha notícia de um jogo chamado “tamborete” visto como precursor do *Badminton*. Porém, a teoria mais difundida é que o badminton é derivado de um jogo chamado “*poona*” de origem Indiana, sendo conhecido pelos europeus durante a época da colonização Inglesa, no século XVI. Nessa época o jogo “*poona*” ainda era meramente recreativo e para fins de entretenimento e distração, a brincadeira consistia em arremessar a volante de um lado para outro sem que mesma caísse.

Jogar poona era um exercício de convivência, meramente recreativo, no século XIX. Consistia em manter no ar uma espécie de peteca (chamada também de volante ou birdie), atirada de um lado a outro pelos garotos que portavam um tipo de tamborete, semelhante a um pequeno remo. Não havia competição, apenas movimento, distração e leveza. Por esse motivo, também era do gosto dos adultos, que transformavam os encontros para jogar poona em pretexto para agradáveis convívios (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, 2012, p. 159).

Nesse período, oficiais britânicos erradicados na Índia adotaram o esporte e o levaram para a Inglaterra, onde se tornou mania entre moços e moças britânicas. Na década de 1870, o esporte ganhou regras e nome, “*Badminton*” este nome originou-se depois de uma partida realizada na propriedade de Badminton House pertencente ao Duque de Beaufort’s, em Gloucestershire cidade e um distrito do sudoeste da Inglaterra (divisa com País de Gales). Posteriormente em 1893 nascia a associação de Badminton da Inglaterra, ou seja, *Badminton Association of England*.

Vinte e três (23) Anos mais tarde havia se proliferado consideravelmente a prática do *Badminton* nas ilhas Britânicas e com isso os clubes esportivos se multiplicaram em toda a sua extremidade territorial. Segundo Fonseca e Silva (2012) em 1920 existiam cerca de 300 clubes de *Badminton* nas ilhas britânicas. Em 1930, este número subiu para mais de 500. Depois da segunda guerra mundial, já eram mais de 9000 clubes.

O esporte tem sua maior popularidade nos países Asiáticos, e há também números consideráveis de esportistas nos Estados Unidos e Europa. No ano 1934 surgiu a Federação International Badminton Federation (IBF), tendo 173 países filiados e cerca de 50 milhões de jogadores espalhados pelo mundo.

A notoriedade do “*Badminton*” começou a aparecer após ter sua participação nas Olimpíadas de Munique em 1972, como esporte de demonstração, e em Seul em 1988, como esporte de exibição. A partir daí o Comitê Olímpico se rendeu e reconheceu sua verdadeira relevância como esporte e o promoveu a esporte oficial das olimpíadas.

Em Barcelona (1992) já como esporte olímpico o *Badminton* comprovou sua popularidade, quando aproximadamente um (1) bilhão de telespectadores assistiram os oito (8) dias de competição pela televisão.

No Brasil, o *Badminton* passou a ser praticado de forma profissional a partir de 1984, com a realização da I Taça São Paulo. Neste mesmo ano a Associação Paulista de *Badminton* passou a integrar como representante da IBF no cenário nacional.

Em 4 de novembro de 1994, foi registrado a Confederação Brasileira de Badminton, após a aprovação de seu estatuto, com as representações de São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Brasília, anos mais tarde, esses números

multiplicaram-se e já eram 16 federações filiadas no âmbito do território Nacional, conforme afirma o Serviço Social da Indústria (2012).

Atualmente, o Brasil possui milhares de federados e dezenas de milhares praticantes do *Badminton*, é o que afirma a Confederação Brasileira de Badminton quando diz “o país possui de 7 a 8 mil federados num universo de 60 mil praticantes”.

De acordo com a Confederação Brasileira de *Badminton* (CBBd), atualmente soma-se 19 federações nacional, e estão localizados nos seguintes estados: Amapá (Região Norte), Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Região Nordeste), Distrito Federal e Mato Grosso (Região Centro-Oeste), Espírito Santo e Rio de Janeiro (Região Sudeste), Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Região Sul) e São Paulo, onde está situada a CBBd. Ainda no estado Paulista precisamente em Campinas encontra-se o Centro de Treinamento – CT onde os atletas da seleção Brasileira se preparam para as competições.

3 AMODALIDADE

3.1 Características

- Modalidade esportiva que utiliza coordenação motora, agilidade, reflexo, força, resistência competitividade, técnica e estratégias;
- Utiliza raquetes de alumínio, titânio ou grafite;
- A volante (peteca) atinge velocidades superiores a 300km;
- Meninos e meninas podem participar;
- Pode ser jogado em ambientes adaptado;
- Oferece oportunidade para os participantes, experimentar a atividade individualmente e em equipe;
- O badminton é um esporte sem contato físico e de baixo impacto;
- Esporte inclusivo- crianças com deficiências física ou intelectual podem participar;
- O badminton pode ser esporte de competição ou lazer;
- Único esporte que permite jogar oficialmente com duplas mistas, homem e mulher.

3.2 As Regras

A Confederação Brasileira de Badminton (CBBd) elenca as regras na seguinte ordem:

Para começar o jogo:

Com uma moeda ou com a própria peteca, faça um sorteio. O vencedor tem a opção de servir (sacar), receber ou optar por um dos lados da quadra. Os atletas têm direito a um aquecimento de dois minutos antes do início do jogo.

Posição na quadra no começo de um game :

A pessoa que serve deve ficar dentro da área de serviço no lado direito da quadra (olhando para a rede). Quem recebe fica do outro lado da rede dentro da área de serviço no lado direito da quadra, na diagonal de quem serve. Nos jogos em duplas, o parceiro pode ficar em qualquer lugar da quadra desde que não bloqueie a visão do recebedor.

Posição de quem serve:

Se o placar de quem serve for par, o serviço deve ser feito do lado direito da quadra. Se o placar for ímpar, do lado esquerdo da quadra. Nos jogos em duplas a regra é a mesma. O servidor permanece servindo sempre que ele ou sua dupla ganhar orally.

Serviço:

O saque no *Badminton* sempre são realizados na diagonal, como no tênis. No exemplo abaixo, o jogador A saca para o jogador X. O serviço, tanto no jogo de simples quanto no de duplas, inicia-se pelo lado direito da quadra de quem serve que deve lançar a peteca obliquamente sobre a rede, para o seu lado esquerdo da quadra adversária - Vencendo o ponto, continua servindo o mesmo jogador, devendo inverter a sua posição na quadra. Servirá, então, na sua esquerda para o seu lado direito da quadra adversária. Havendo perda do ponto, o serviço passa para o lado adversário. - O recebedor não deve se mexer até que quem serve golpeie a peteca. Quem serve tem que: manter parte de ambos os pés numa posição imóvel no chão; acertar a base da peteca primeiro; a peteca inteira ficará abaixo da linha de cintura no instante em que é golpeada; o cabo da raquete do servidor no instante em que a

peteca é golpeada apontará para baixo; o movimento da raquete será contínuo até o final do serviço.

Durante o jogo:

Se o jogador ganhar a disputa da jogada (rally), ele marca um ponto, mudando o lado do serviço e continuando a servir. Se ele perde o rally, seu oponente marca um ponto e passa a servir. Nos jogos em duplas, se a dupla servidora ganhar o rally, um ponto é marcado e o servidor muda de lado e continua a servir. Se eles perderem o rally, o serviço passa para a dupla adversária.

Servindo ou recebendo do lado errado:

Se um erro de área de serviço for cometido, o erro não será corrigido e o jogo continuará sem mudança na área de serviço dos jogadores.

O let ocorre quando:

Ocorre uma interferência de fora do jogo como, por exemplo, uma peteca de outra quadra que cai na sua quadra.

Será considerado falta:

- Se o atleta (raquete ou roupa inclusive) encostar na rede enquanto a peteca está em jogo;
- Se a peteca acertar o jogador, sua roupa, teto ou arredores daquadra;
- Se a peteca cair fora das linhas da quadra (a linha é considerada parte daquadra;)
- Se o jogador invade ou acerta a peteca no lado oposto da rede (não vale carregar' a peteca);
- Se a peteca for golpeada duas vezes do mesmo lado daquadra;
- Se houver interferência com a peteca, mau comportamento ou 'cera' o jogador perde o serviço ou o oponente ganha um ponto;
- Se o parceiro do recebedor receber o serviço;
- Se o servidor faz o movimento e erra a peteca.

Obs: se a peteca acertar a rede e cair do lado oposto, o serviço é válido, desde que ela caia na área de serviço.

Fim do jogo:

Os jogos são disputados num total três games. O vencedor é o que ganhar dois games primeiro. Em todas as modalidades, os games são de 21 pontos. Se houver empate em 20 pontos, vencerá aquele que abrir 2 pontos de vantagem. Havendo empate em 29, vencerá aquele que fizer 30 pontos. O jogador que venceu o primeiro game serve primeiro do outro lado da quadra no novo game. O ganhador do segundo game muda de lado e começa servindo no terceiro game. No terceiro game, o jogador muda de lado e continua servindo no décimo primeiro ponto.

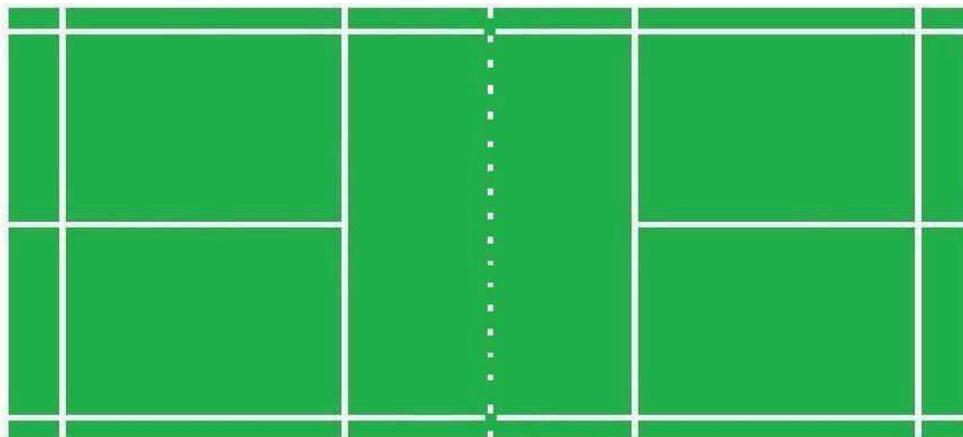
Tempo durante o jogo:

Sempre que o 1º jogador/dupla atingir 11 pontos um tempo de 60 segundos é concedido. Esta regra vale para qualquer game. - nos intervalos do 1º para o 2º game e do 2º para o 3º game (se houver) um intervalo de dois minutos é concedido.

Quadra:

O *Badminton* pode ser praticado ao ar livre, mas em competições, o ideal é que ele seja jogado em quadra coberta, onde não ocorram correntes de ar. Não é aconselhável também o uso de sistema de ventilação que movimenta o ar, o que atrapalha o jogo. O piso da quadra deve ser feito de material antiderrapante, e suas marcações serão feitas de cores facilmente identificáveis (branco ou amarelo).

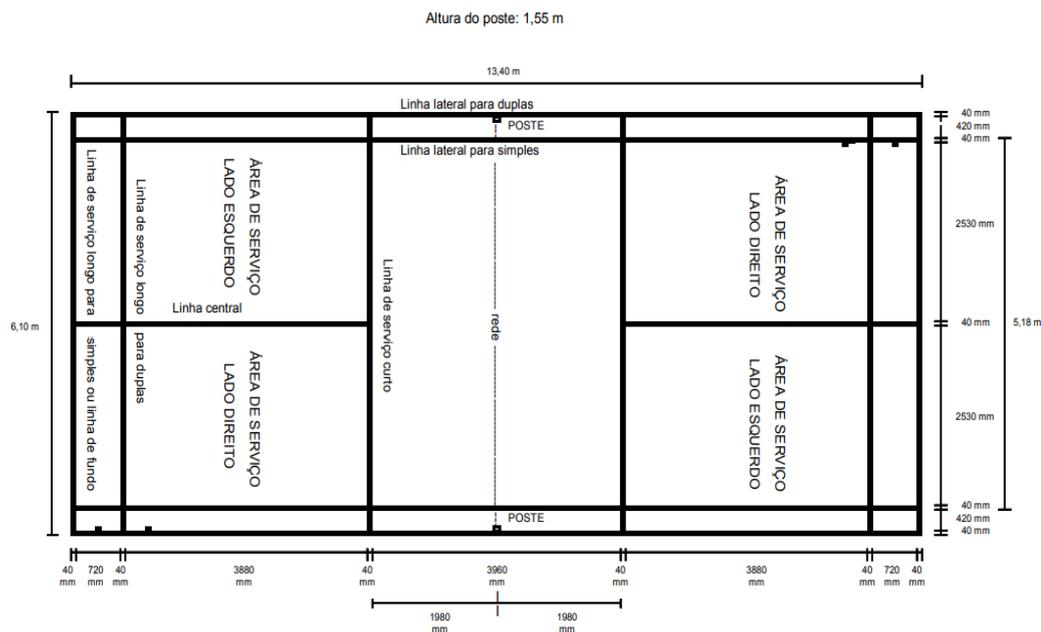
Figura 1- Quadra verde - linhas brancas.



Fonte: Robervan S. Mendonça (2019).

Medidas oficiais:

Figura 2- Quadra badminton – medidas

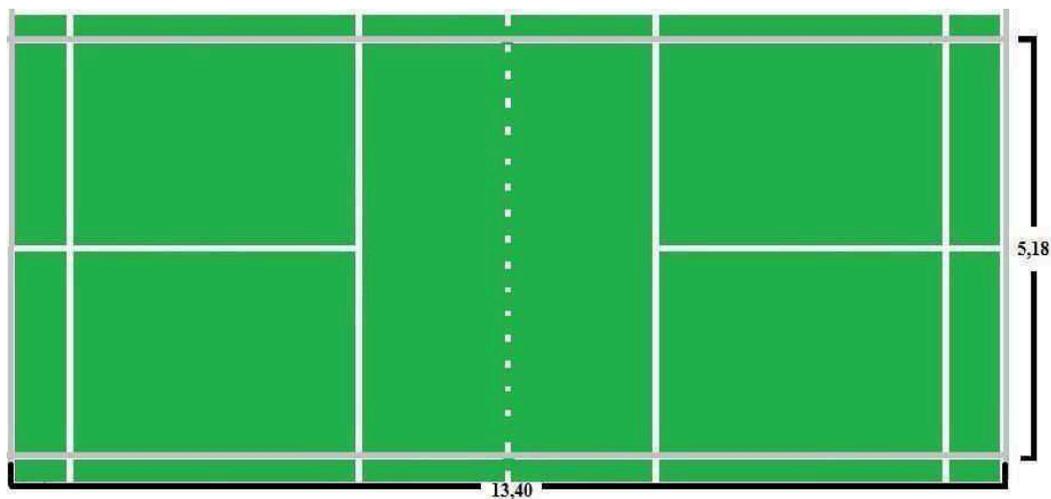


Fonte: http://www.badminton.org.br/r02/pdfs/regras_completas_2009.pdf

Para que haja maior segurança na prática do esporte, é necessário que o espaço entre a quadra e as paredes que cercam o recinto não deve ter menos de 1m (até as paredes laterais), e de um 1,5m (para as paredes de fundo).

Quadra de Simples As medidas da quadra para o jogo de simples Feminino e Masculino são de 13,40 metros por 5,18 metros.

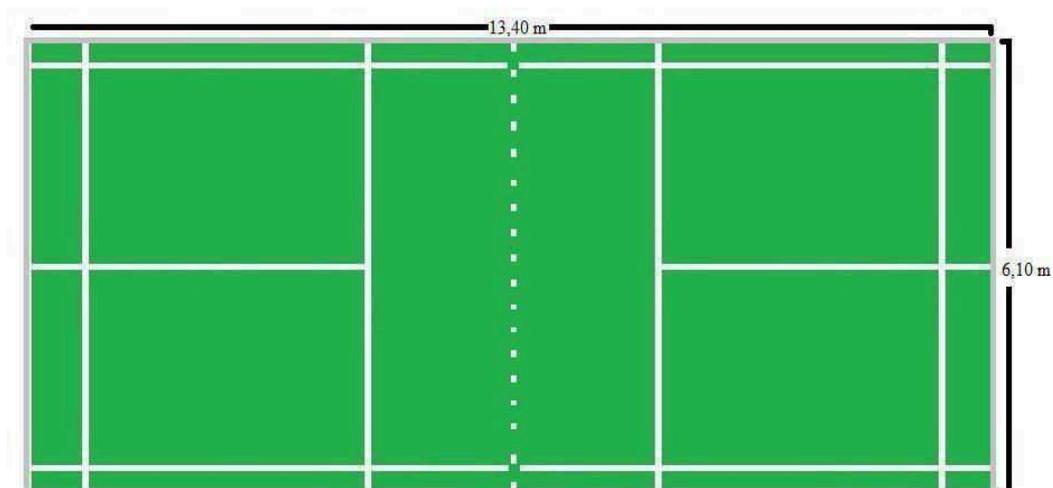
Figura 3- Quadra badminton- Simples



Fonte: Robervan S. de Mendonça (2019)

Quadra de Duplas As medidas da quadra para o jogo de duplas Feminina, Masculina e Mista são de 13,40 metros por 6,10 metros.

Figura 4- Quadra dupla masculino ou feminino

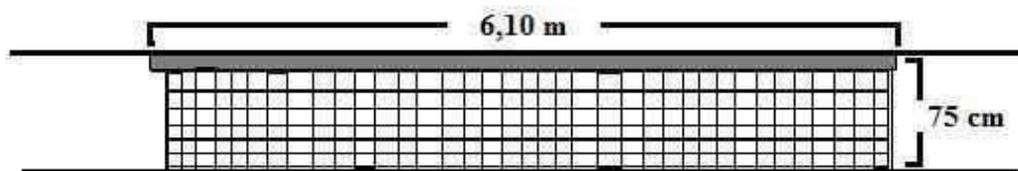


Fonte: Robervan S. Mendonça (2019).

3.3 A Rede

A rede de badminton é feita por uma malha escura de corda fina ou fibra sintética, deve ficar a 1,55m de altura do chão e no mínimo 6,10m (igual à quadra) de largura e 75 cm de altura. O espaço entre as malhas deve estar entre 1,5 a 2,0 cm. A mesma deve ter uma trama bem esticada de forma que seus fios superiores fiquem no mesmo alinhamento dos postes.

Figura 5- Dimensão da rede

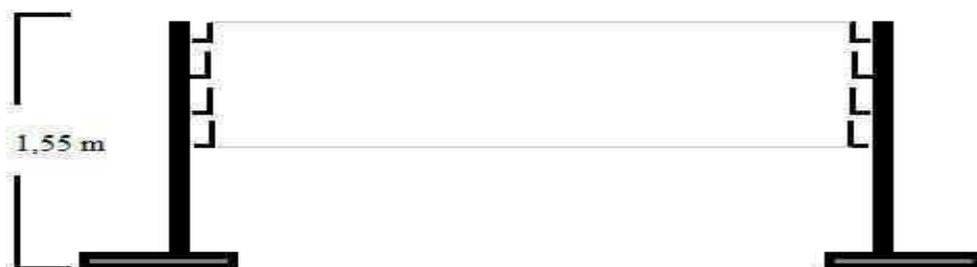


Fonte: Robervan S. Mendonça (2019).

POSTES

Os postes medem 1,55 m de altura e devem ser fixados através de pesos (anilhas) ou encaixados ao solo. Na ausência de postes, a rede pode ser fixada em algum suporte fora da quadra ex: trave de futsal ou base de cesta de basquete.

Figura 6- Dimensão dos postes



Fonte: Robervan S. Mendonça (2019).

3.4 A Peteca

Conforme a história mostrou, a peteca passou por várias mudanças, seja ela de nomenclatura e/ou projeto, apesar da mesma parecer um brinquedo, na verdade é um objeto aerodinâmico e por ser um -projeto|| há todo um estudo envolvido até chegar no formato atual. Há dois tipos de peteca -Nylon|| mais usada em treinamento e a de -Pena de Ganso|| utilizada em competições oficiais. O modelo oficial (Pena de ganso) possui 16 penas de ganso aerodinamicamente posicionadas, todas as penas têm 7 centímetros de altura com fio entrelaçado. Sua base externa é de cortiça contendo em seu interior

uma pequena esfera de chumbo com 25 a 28 mm de diâmetro, revestida por uma trama de tecido geralmente de cor branca. Seu peso varia entre 4,75 a 5,50 gramas.

Figura 7- Peteca oficial



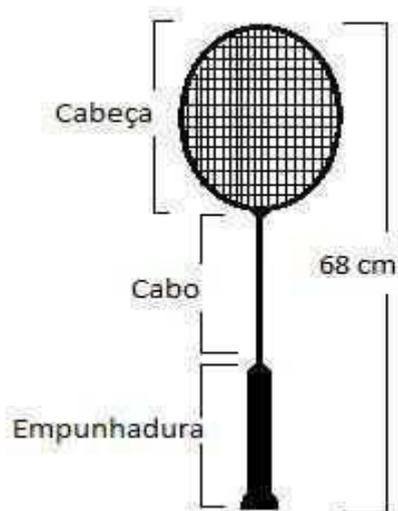
Fonte: <https://maresolonline.com.br/index.php/peteca-badminton.html>

A despeito de à peteca parecer um objeto frágil, em jogo, a mesma pode atingir velocidade surpreendentes e ultrapassar os 300 km.

3.5 A Raquete

O *Badminton* tem suas peculiaridade e dinamicidade por “N”s fatores. Um dos objetos que deixa esse esporte em um patamar diferenciado sem sombra de dúvida é a raquete, esse instrumento proporciona ao jogador golpes potentes e com risco mínimo de lesão (glenoumeral/ombro), graças à sua leveza e o conjunto da obra que constitui esse esporte.

Figura 8- Raquete



Fonte: Robervan S. de Mendonça (2019).

Seu comprimento é de 68 centímetros incluindo o cabo de empunhadura. A largura da raquete é de 23 centímetros e a cabeça 29cm. A superfície das cordas de 28 x 22 centímetros. O peso das raquetes varia de 60 a 120 gramas dependendo do material utilizado em sua confecção, para os iniciantes são feitos de aço e alumínio já os atletas de ponta utilizam raquetes mais leves, porém mais ágeis e precisos, com materiais diferenciados como as raquetes de grafite e titânio.

4 FUNDAMENTOS

A Federação de Badminton do Estado de São Paulo (Febasp) sintetizou os fundamentos do esporte da seguinte forma:

Empunhadura(forehand)

Em geral a raquete deve ser empunhada como se o jogador estivesse apertando a mão com ela. Isso pode não parecer natural, mas com paciência e prática vai tornar-se um hábito.

Empunhadura(backhand)

Permita que a mão vire ligeiramente, colocando o dedão contra as costas do punho da raquete. Nos golpes de backhand, a peteca deve entrar em contato com o lado oposto da cabeça da raquete.

Segurando a raquete - a raquete sempre deve ser segurada de forma a manter o pulso e o braço esticados e tensionados. Isso é particularmente importante quando sacando baixo e em lances próximos à rede.

Posição da raquete - mantenha a cabeça da raquete bem para cima e pronta para qualquer tipo de golpe. Pulso - um pulso firme é usado no tênis, mas não no badminton. Mantenha o pulso solto para conseguir melhor desempenho nos golpes.

Alcance:

A maioria dos golpes no badminton usa toda extensão do braço para alcançar a peteca. Trabalho de pernas é o mais importante fator para posicionar o corpo de forma a dar um golpe correto. Golpes de forehand e backhand devem ser feitos com o pé direito à frente. Todos os golpes altos de forehand devem ser feitos com o pé esquerdo à frente. Os golpes altos de backhand devem ser feitos com o pé direito à frente. Rapidez de movimentos, como se virar, são mais importantes do que correria. Passos curtos são melhores do que “corridinhas”. Evite golpear tendo os dois pés virados na direção da rede. Dissimulação - em todos os golpes é fundamental que o jogador disfarce qual será a próxima jogada a ser realizada, executando um mesmo movimento para os mais variados golpes sempre que possível. Assim, o adversário nunca saberá, de antemão, qual será o próximo golpe usado.

Clear:

O clear é um golpe defensivo básico do badminton. Deve ser alto e profundo. Alto para evitar uma interceptação precoce, dando mais tempo

para o jogador se reposicionar em quadra e, profundo, para dificultar a resposta do adversário. Para acertar um clear defensivo, o jogador deve golpear a peteca quando essa estiver alta e um pouco a frente da sua cabeça, impulsionando a peteca para o fundo da quadra adversária, descrevendo-se uma parábola. O golpe também pode ser usado para o ataque quando o adversário se encontra em posição desfavorável esperando outro tipo de golpe, como um smash ou um drop-shot. Para tanto, o jogador deve acertar a peteca, quando essa estiver caindo, um poucomaisà frenteda suacabeça do que no clear defensivo, fazendo a peteca voar mais rápida e reta, indo direto para o espaço descoberto no fundo da quadra do adversário.

Backhand Clear:

- 1 - Segure corretamente a raquete, colocando o dedão contra o grip dela, dando mais força no golpe;
- 2 - Coordene o golpe com o seu último passo, acerte a peteca enquanto o seu pé ainda estiver no ar, aproveitando o movimento do corpo no golpe;
- 3 - Corra, vire, acerte! Corra para a peteca, vire-se (esse golpe deve ser dado de costas para a rede), e acerte o golpe com força e precisão.

Drop-shot:

O drop-shot é um golpe ofensivo, dando ao jogador bons resultados com pouco dispêndio de energia. Para enganar o oponente, faça a mesma movimentação usada no clear defensivo, acertando a peteca quando essa estiver exatamente em frente da sua cabeça, reduzindo a velocidade do braço num espaço pequeno antes de acertar a peteca (aprox. 30cm), forçando-a a uma trajetória descendente, devendo essa cair, invariavelmente, logo após a rede, dificultando a próxima jogada do adversário. A velocidade do drop-shot pode variar dependendo do posicionamento na quadra. Um drop-shot rápido na rede é sempre difícil de se desenvolver.

Smash:

O smash é o golpe mais ofensivo, e, portanto, o mais importante do badminton. É o vencedor de rallies, o clímax de vários golpes anteriores. O sucesso do golpe depende de vários fatores como o ponto de impacto da peteca, a altura, o timing etc. Observar jogadores mais experientes é uma ótima prática para quem quer melhorar o desempenho. Para acertar um smash, novamente prepare um clear defensivo. Se posicione mais atrás da peteca, acertando o golpe quando ela estiver quase em frente do seu rosto (a altura da peteca varia de acordo com o posicionamento do atleta em quadra. Um smash aplicado

no fundo da quadra deverá acertar a peteca num ponto mais alto do que em outro ponto). Desloque-se em direção à peteca, para aproveitar a força do movimento do corpo. O golpe deverá ser forte, direcionado para baixo, devendo o jogador girar totalmente o pulso de modo que, no fim do movimento, a cabeça da raquete esteja totalmente voltada para baixo. Evite saltar para acertar a peteca, pois pode-se errar o tempo da peteca. Não tenha pena do adversário, desferindo o golpe com precisão e força.

Drive:

O drive é um golpe ofensivo, mais usado nos jogos de dupla, desferido rapidamente, geralmente das laterais. Seu objetivo é direcionar a peteca, rapidamente, na direção do jogador adversário ou num espaço descoberto pela dupla oponente. O jogador se posiciona de lado para a rede e, deixando peso no pé de apoio, prepara o golpe levando a raquete para trás, abrindo o braço, mantendo a raquete na altura do ombro. Ao golpear a peteca, o jogador movimenta a raquete em direção dessa, dobrando o braço para frente e girando o pulso simultaneamente, dando uma-chicotada na peteca. Ao mesmo tempo gire o corpo, terminando o movimento de frente para rede, deixando o peso fluir no golpe e no pé dianteiro.

Lob:

Na verdade, o lob é um golpe desferido de baixo para cima, usado para devolver a peteca quando essa cai bem abaixo da fita da rede e próxima a essa. O seu objetivo é de colocar a peteca alta e profunda na quadra adversária, dando tempo para a recuperação do atleta. O lob, em outras palavras, é como um clear, golpeado de baixo para cima. Esse golpe é dado próximo à rede, assim, não acerte com força a peteca, mas a conduza, com elegância, para o fundo da quadra adversária. Lembre-se que, ao menos que você queira receber a peteca na cara enquanto recua, as virtudes aqui são: altura, profundidade e recuperação.

Net-shots:

Esses são os golpes jogados próximo e muito próximo à rede. Eles podem ser jogados de baixo para cima ou de cima para baixo. O objetivo do golpe é devolver a peteca tão perto da rede que o adversário não terá condições de responder à jogada. É muito importante recuperar o posicionamento da raquete, pois, geralmente a peteca será devolvida de forma rápida.

Push:

Nos jogos de badminton, é normal acontecer de a peteca ser empurrada

de volta para a quadra adversária quando a resposta de um golpe acontece um pouco acima da rede. Como o push é jogado perto da rede, qualquer indecisão pode acarretar um erro. Para o bem da dissimulação, esse golpe é jogado com a mesma ação do drive, sendo que a peteca deve ser golpeada com menos força para que caia entre os jogadores da dupla adversária.

Fonte: <http://www.febasp.org.br/base.asp?cod=T%C9CNICAS%20E%20FUNDAIMENTOS>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalho, denota-se que, não há como falar em qualidade de vida sem mencionar atividade física como patrocinadora do bem-estar físico e mental. Apesar das mídias e os mercados esportivos, pré-estabelecerem perfis ideais, vê-se também, resquícios de um tempo que enfatizavam o culto ao corpo perfeito, práxis percebidas nas pedagogias higienistas e militaristas que também tiveram seus méritos em importantes descobertas (fisiológica, técnica dos exercícios) científicas.

Entretanto, pedagogias mais englobantes foram conquistadas e postas em leis, dando maior ênfase a integralidade das pessoas, e assim estabelecendo “*Interaction Network*”, ou seja, uma rede de interação entre os aspectos cognitivos, físicos e social, dando sentido a citação “*mens sana in corpore sano*” de *Juvenal* (poeta romano). Apesar da frase mencionada ser no sentido hierático (sagrado) atribui-se também à vida cotidiana nos mais diversos contextos, refletindo que não há corpo sadio sem uma mente saudável.

Nesse prisma de saúde e bem-estar a ciência tem comprovado a cada dia, que o esporte foi, e é, o divisor de águas para a longevidade da vida proporcionando maior vigor, prazer e saúde nas mais diversas fases. Pensando nas vantagens obtidas pelos exercícios sistemáticos, o que mais causa estranheza são as tímidas divulgações (Ministério da Saúde e imprensa) sobre os benefícios adquiridos através de todos os esportes, tendo em vista os alarmantes números de doenças causadas pela vida sedentária.

Em matéria de benefícios o *Badminton* deveria ser um dos esportes mais divulgados em (campanha Nacional) se tratando de ser pedagógico, excelente para a saúde e indicado para todos sem distinção de idade e/ou gênero. Além de todos esses benefícios o badminton tem a peculiaridade de resgatar a autoestima de indivíduos que outrora não tiveram privilégios de vivenciar os prazeres que só o desporto proporciona, considerando a indução unilateral do mercado esportivo Brasileiro.

Apesar de tudo que foi mencionado neste estudo, afirmamos que, os efeitos genuínos do desporto, não estão fundamentados em ambientes específicos e/ou luxuosos (academias, spas, entre outros...), mas sim, nas pequenas atitudes físicas exercitadas diariamente. Concluímos, afirmando com mais veemência, que o esporte não é moda (pessoas, estilos, marca), esporte é saúde, educação, respeito, inclusão, vida longa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. de. Desporto adaptado no Brasil : origem, institucionalização e atualidade.

1997. 140f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Alvarez TBR, Stucchi S. Introdução ao movimento do Badminton. Movimento e percepção. São Paulo, jul./dez. 2008. v. 9, n. 13, p. 4. Disponível em Acesso em 20.08.2016

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. Movimentos, Porto Alegre, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394/96 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil: MEC, 1996. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Resolução n. 2/01 — Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasil: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto n. 6.094/07 — Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação.

Brasil: MEC, 2007. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Brasil: MEC/SEESP, 2008. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto n. 7.611/11. Brasil: MEC/SEESP, 2011.

BRASIL, Assembléia Nacional Constituinte. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal/Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1988. BRASIL, Congresso Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União n. 248, de 23/12/96 – Seção I, p. 27833. Brasília, 1996

Rev Bras Enfermagem, 62 (4) (2009), pp. 552-556
Disponível em: Confederação Brasileira de Badminton
<http://www.badminton.org.br/regras>

Acesso em: 03 de janeiro de 2019

Disponível em: Federação de Badminton do Estado de São Paulo
<http://www.febapb.com.br/historia.asp>

Acesso em: 28 dezembro 2018. Federação de Badminton do Estado de São Paulo
<http://www.febas.org.br/base.asp?cod=T%C9CNICAS%20E%20FUNDAMENTOS>
http://www.badminton.org.br/r02/pdfs/regras_completas_2009.pdf

Disponível em:

<https://maresolonline.com.br/index.php/peteca-badminton.html>

Acesso em: 04 de janeiro de 2019

FONSECA, Keiko Verônica Ono; SILVA, Paulo Roberto Bastianini da. Badminton: manual de fundamentos e exercícios. Curitiba: M. M. Ono, 2012.

ARAÚJO, L.C. Estudo da influência da iniciação ao Badminton centrado na tomada de consciência sobre o desenvolvimento psicomotor de jovens praticantes. 2012. 168

f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná. ARAÚJO, P.F. Desporto adaptado no Brasil. Phorte. São Paulo, 2011.

Basquetebol em cadeira de rodas: manual de orientação para professores de educação física / Ana Maria Fonseca Teixeira, Sonia Maria Ribeiro - Brasília : Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.pág.16

GORGATTI, M.G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATTI, M.G.; COSTA, R.F. (Org.). Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2.ed. Barueri: Manole, 2008. p.532-570.

Giffoni RM. O badminton da escola: um relato de experiência. Efdeportes.Buenos Aires, 2014. Ano 19, n. 194. p. 4. Disponível em Acesso em 12.05.2017

Gonçalves R, Araújo LC, Bellançon A, et al. A importância da tomada de consciência no jogo badminton. Fiepbulletin. v. 82, p. 1. Paraná, 2012. Disponível em Acesso em 22.11.2016

SÁNCHEZ, P. A. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. Inclusão: Revista da Educação Especial, Brasília, n. 1, p. 7-18, out. 2005.

Revista Brasileira de Educação. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil Enicéia Gonçalves Mendes v. 11 n. 33 set./dez. 2006

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro UFRJ, 1999

TUBINO, M.J.G.**Dimensões sociais do esporte**. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez 2001.

UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: Corde, 1994. Disponível em: . Acesso em: 9 jun. 2013.

Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>

Acesso em: 28 dezembro 2018

OLIVEIRA, C. L. de. Obesidade e síndrome metabólica na infância e adolescência. Revista de Nutrição, Campinas, 17(2):237-245, abr./jun, 2004.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Badminton. In: SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (São Paulo). Tênis, Tênis de Mesa & Badminton. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2012. p. 153-193.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Declaração de Salamanca. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midia mix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/declaracao-de-salamanca/>>. Acesso em: 20 de fev.2019.

HASKELL, W. Physical activity and the diseases of technologically advanced society. In: The American Academy of Physical Education Papers: Physical Activity in Early and Modern Populations, n.21,p.73-87, 1998